

SEM TÍTULO

antónio cabrita

Quem cessa, ornamentando com o caos o cais da linguagem?

toda a visceral, pungente, comunicação: o violino ensanguentado onde se denuncia a conflituosa dicotomia entre eu e a minha voz. flagelo adivinhado como uma canção de uma fada generosa, mas sem ovários: um coral cortante rodeando uma ilha deserta, de ponte tropical — anjo que bebe as asas em vinho indeciso entre a facilidade e a tentação?

esta laranja que ponho à altura do Sol cadente que nela esgota o fulgor até ser uma sombra capaz parida da chama, e à medida da minha palavra.

Silêncio magoado de tudo ficar por dizer, mesmo o sossego da música embaraçando o piano consanguíneo de cordas vocais, presa da tua língua afável — piano de escamas desidratadas e escalas impossíveis inefáveis como o pão, odor ou a paixão:

— Corola felpuda aberta por um cometa passageiro de um optimismo bravo, breve, de rosas canibais.

Quem é mais crente na sua loucura que o cego perante um filme mudo? ●

NASCIMENTO

MORTE

E .

RESSURREIÇÃO

DO

POEMA

ANTÓNIO RIBEIRO

